

Partícula

Saulo Aride

Ninguém da família nunca entendeu o que exatamente eu estava indo pesquisar. Alguns até brincavam, dizendo que estava me enfiando num buraco longe de todos para não ter de aturá-los.

Talvez eles tivessem razão.

O fato é que sempre tentei explicar da maneira mais simples possível toda a teoria do campo de Higgs e a importância dos experimentos em busca do bóson. Não era o assunto mais interessante dos churrascos.

Já muito perto da minha partida houve uma festa em que a pergunta surgiu novamente. Um primo adolescente, na sua ânsia por respostas imediatas, pesquisou por “bóson de Higgs” em seu *smartphone* e se deparou com seu apelido mais famoso: “a partícula de Deus”.

Ao final da festa, esse primo me puxou no canto, olhou fundo nos meus olhos e me perguntou:

– Você está indo atrás de Deus?

Minha religião sempre foi a ciência, meus deuses sempre me deram leis na forma de equações e sempre se dirigiram a mim me inspirando a escrever fórmulas complexas sobre coisas inimagináveis. Contudo, nada disso faria sentido na mente adolescente de meu primo.

Dei um sorriso, pisquei o olho e disse para ele:

– Mas não conta pra ninguém.

E fui embora.

Ordens funcionam como um repelente para os mais novos. Mandei que se calasse, e a primeira coisa que meu primo fez foi espalhar para toda a família o “real” propósito da viagem.

A notícia correu tão rápido que, já no aeroporto, fui surpreendido por uma comitiva familiar de despedida. Era preciso aproveitar a nobre missão de um membro da família para mandar recados ao Todo-Poderoso, caso ele realmente estivesse enterrado em algum lugar entre a França e a Suíça.

Confesso que me diverti com o mal-entendido e não repeli o inéxito carinho da família reunida em torno de algo em comum. Fora de festas, de churrascos, de garrafas de cerveja. Estavam todos ali por mim, para me ver, para depositarem nas minhas costas seus desejos.

Coloquei todos os pedidos na pasta e embarquei.

Ao chegar ao aeroporto, fui recebido por um motorista com uma placa em que se lia meu nome. Ao meu lado, famílias aguardavam ansiosamente o despontar de seus membros na porta de saída, sedentos por matar as saudades, ver as fotos e abrir os presentes. Era um dia a mais naquele aeroporto, menos para mim. Eu estava realizando um sonho – e levando na pasta outros sonhos que eu não tinha o poder de realizar.

Cheguei ao centro de pesquisas e fui bem recebido por todos os outros professores. Por ser um dos mais novos, havia a esperança de que eu fosse um sopro fresco de ânimo naquele laboratório sob a terra. Ao fim das apresentações, brinquei com eles e perguntei:

– De quem foi a ideia de chamar o bóson de “partícula de Deus”?

Todos ficaram sérios. Um dos professores disse que o professor Leon Lederman foi extremamente infeliz ao usar tal expressão.

– Bom, posso dizer que minha família gostou.

Todos riram sem entender direito o porquê. Talvez esse fosse o tal sopro de ânimo de que sentiam falta.

Ao fim do dia, já em meus aposentos, liguei para casa. Ao fim da conversa, após um segundo de silêncio, minha mãe disparou a pergunta:

– Já falou com Ele?

– Ele quem, mãe?

– Você sabe.

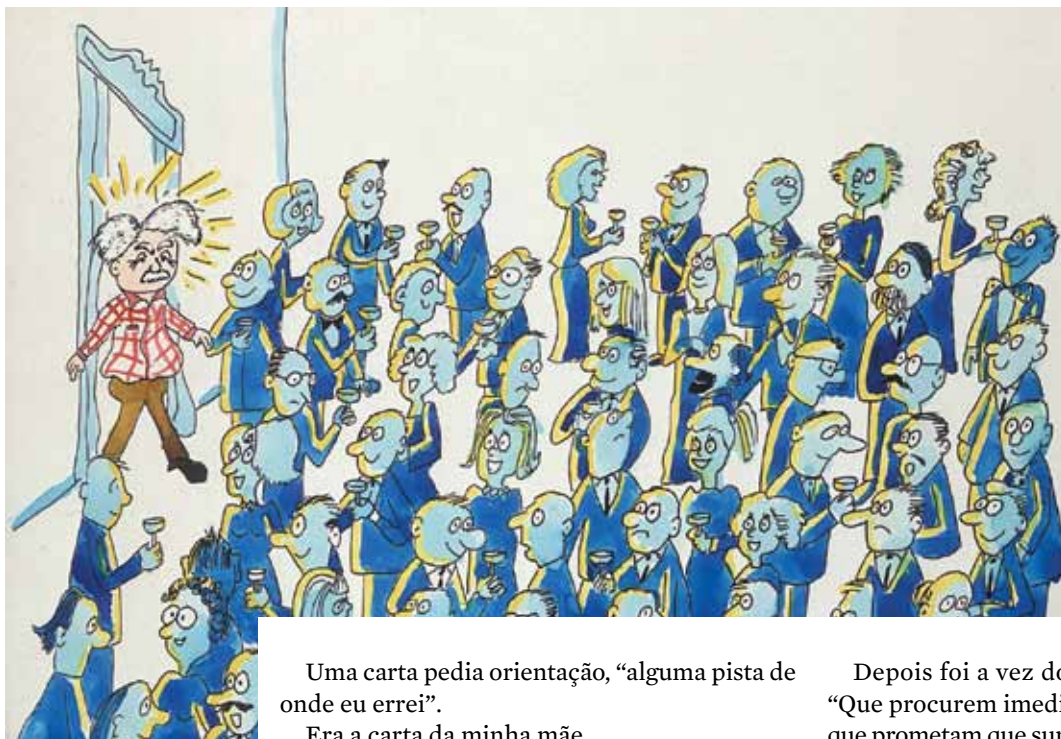
Ela falava de Deus. Eu não soube o que responder.

– Se não puder falar, se Ele estiver do seu lado, não precisa. Não se esqueça de mim, meu filho. Sua mãe te ama muito.

E desligou o telefone.

Naquele momento senti falta dela e da família me fazendo suas perguntas de sempre. Decidi pegar na pasta os pedidos escritos que me tinham sido entregues.

Vários bilhetes traziam apenas um pedido: Saúde. Alguns deles pediam paz. Pelo menos dois primos da minha idade pediam empregos. Os mais velhos, sobretudo os homens, pediam perdão.



Uma carta pedia orientação, “alguma pista de onde eu errei”.

Era a carta da minha mãe.

Deitei na cama dura de meu quarto e, em vez de me empolgar com o começo dos trabalhos no dia seguinte, repeti para mim mesmo todos os pedidos, como se eles realmente fossem a minha missão ali.

Acordei no dia seguinte e comecei a trabalhar. A rotina era intensa e havia no ar o peso da responsabilidade científica em comprovar muitas décadas de trabalhos teóricos. Sabíamos que nossa tarefa era importante, mas não enxergávamos com clareza o motivo.

Toda noite, após o jantar, ia para meu quarto reler os pedidos. A maioria deles era bastante simples. Pelo menos uns três eram de solução quase imediata.

Nenhum deles dependia de um bóson.

Diante dessa conclusão, comecei a escrever cartas dando retorno aos pedidos.

Aos que pediam perdão, escrevi uma carta dizendo: “Estive com Ele e me foi dado o recado: diga que estão perdoados”. Minha mãe me ligou aos prantos quando soube que meus tios mais velhos tinham recebido a carta.

— Seu tio José fez as pazes com tio César, depois de quarenta anos de briga.

E a cada dia, após o trabalho, voltava para o quarto para cuidar dos pedidos. Para cuidar da minha família. Para fazer alguma diferença na vida das pessoas.

Aos pedidos de paz, respondi: “Diga a eles que estou feliz com tudo o que fizeram até hoje, e que podem descansar”. Minha mãe reportou que os pedidos foram recebidos aos prantos por todos.

— A sua tia Glória está curada da depressão.

Ela não tinha depressão, no sentido médico do termo. Ela tinha tristeza. E estava curada.

Depois foi a vez dos que pediam empregos. “Que procurem imediatamente por empregos e que prometam que suportarão todas dificuldades em Meu nome.”

Um primo me respondeu por *e-mail*: “Finalmente arrumei um estágio. Chego cedo e saio depois do horário. Toda vez que penso em desistir, me lembro do que prometi. Estão pensando em me efetivar”.

A única carta que não sabia responder era justamente a de minha mãe. De que erro se arrependia, mesmo sem saber onde o cometeu? Minha mãe se mostrou na carta completamente diferente da imagem alegre que sempre me transmitiu.

Conforme evoluíam as pesquisas, mais eu descobria a respeito das partículas subatômicas que compõem cada elemento no Universo.

A cada noite no quarto, mais eu descobria o quão pouco conhecia de alguém tão próximo a mim.

Liguei para casa, como sempre fazia aos fins de semana, e disparei a pergunta.

— Mãe, você é feliz?

Ela começou a chorar.

— Sou, meu filho, mas ando me sentindo muito sozinha.

Saí naquele momento de meu quarto e procurei meus superiores.

Dois dias depois, ao desembarcar no aeroporto, fui recebido por um longo abraço de minha mãe. Olhei em seus olhos e dei o último recado divino.

— Ele me disse para voltar.

Eu já tinha encontrado a partícula de Deus.

Saulo Aride nasceu no Rio de Janeiro. É escritor e roteirista. Publicou contos em diversas antologias, como *Escritores Escritos* e *Clube da Leitura: Volume II*. É colaborador do site Caneta, Lente e Pincel.